

Preparando os jovens para um futuro desafiador

Entre os desafios que a humanidade enfrenta, dois se destacam entre todos os demais: 1) assegurar que o solo seja capaz de produzir alimentos nutritivos para bilhões de pessoas e 2) envolver os jovens na gestão de um futuro particularmente ameaçador. Este artigo descreve um projeto no Brasil onde a agricultura urbana é usada para envolver holisticamente os jovens em questões relacionadas à alimentação, gestão dos resíduos orgânicos, geração de renda e sustentabilidade das comunidades.

O contexto

O Brasil, juntamente com a China e os Estados Unidos, é um dos três países ao mesmo tempo entre os cinco maiores e os cinco mais populosos do mundo, com uma área de 8,8 milhões de km² e 220 milhões de habitantes.

Porém, diferentemente dos outros dois, o Brasil não tem nem a organização nem os recursos financeiros para lidar com seus crescentes problemas.

Suas imensas áreas agrícolas o tornaram um dos maiores exportadores mundiais de alimentos, e o valor incomensurável de suas florestas, reservas de água doce e biodiversidade são especialmente importantes para o meio ambiente global.

Entretanto esses preciosos recursos estão em risco, e a sociedade enfrenta problemas crescentes que podem ser vistos como consequência de uma educação enfraquecida e uma cultura comercializada, que alimentam desafios como a corrupção, a violência, a degradação ambiental.

A juventude e a agricultura

Muitos jovens brasileiros enfrentam problemas ligados às drogas, gravidez precoce, violência, evasão escolar e delinquência juvenil. E parece que a maior parte da juventude nunca esteve tão alienada das questões ligadas ao ambiente, à economia e à alimentação.

São poucos os jovens que percebem que precisarão participar ativamente nos sistemas alimentares que abastecem as cidades onde vivem se quiserem consumir comida saudável e evitar doenças ligadas à má nutrição.

A maioria não imagina que ser um agricultor – mesmo que um agricultor em parcial – pode ser a melhor escolha para serem capazes de alimentar a si e aos seus, melhorar a vizinhança e talvez gerar alguma renda.

Levá-los a pensar sobre essa situação e ajudar suas comunidades a se tornarem mais produtivas quanto à alimentação são os principais objetivos do projeto descrito a seguir.

O projeto

O projeto está sendo implementado em seis escolas-pilotos localizadas em três dos trinta municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Federal da Serra da Mantiqueira – um *hotspot* ambiental situado entre os três estados mais importantes do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (ver Figura 1).



Figura 1: Em verde, os trinta municípios que compõem a APA da Mantiqueira, um *hotspot* ambiental cobrindo 4.480 km².

As atividades do projeto começaram em 2014, sem qualquer recurso financeiro. O projeto depende, portanto, dos recursos institucionais e do compromisso e apoio voluntários de professores interessados que colaboram nessas atividades, não previstas em seus deveres regulares.

A equipe é formada por mim mesmo, um amigo agrônomo, e alguns educadores: principalmente uma professora de biologia em Bocaina de Minas MG, e o diretor pedagógico da Secretaria de Educação de Resende RJ. Em Delfim Moreira MG, a Secretária de Agricultura e Ambiente apoia o projeto.

O objetivo é criar uma rede ligando os estudantes na área da Mantiqueira e além, e desenvolver suas habilidades enquanto ajudam suas comunidades a lidarem com os desafios socioambientais atuais e futuros, começando pela compostagem, a horticultura e o trabalho em equipe.

A metodologia dos “grupos de práticas socioambientais”

Para alcançar os objetivos do projeto, visitamos escolas e secretarias de Educação e/ou de Ambiente na região para motivar os educadores a adotarem uma proposta que combina educação ambiental, agricultura urbana e desenvolvimento juvenil. Com a concordância da direção da escola, e tendo identificado algum professor motivado que atuará como um contato local e facilitador das atividades, podemos começar nossas atividades.

Colocamos cartazes motivadores na escola, realizamos uma apresentação e convidamos os estudantes a formarem um grupo para desenvolverem projetos em conjunto.

A principal diferença entre a nossa metodologia e as usuais é que trabalhamos com os estudantes interessados em grupos organizados como “comunidades de práticas”, ao invés de querer atuar com “todo mundo junto”, indiscriminadamente, que acreditamos ser pouco efetivo.



Professora Thais, três voluntários e o Grupo de Práticas da Escola Estadual de Bocaina de Minas.

A primeira atividade extracurricular dos grupos é sempre a compostagem dos resíduos orgânicos da cozinha e cantina escolares. A compostagem é facilmente compreendida pelos estudantes e uma prioridade óbvia, pois interliga os resíduos com a fertilidade do solo, a alimentação, a saúde e a geração de renda.

A seguir, o grupo decide quais outras atividades vão desenvolver, como aprender a cultivar uma horta ou planejar e implementar outros projetos socioambientais.

As atividades do projeto não estão limitadas à agricultura; elas também focam em outras dimensões do desenvolvimento holístico dos jovens, incluindo as “artes democráticas”, como aprender a trabalhar em grupo, levantar as necessidades das comunidades, elaborar projetos, levantar fundos, monitorar o progresso dos projetos, avaliar resultados e replicar os processos.

A educação ética e as práticas corporais também são elementos fundamentais, para fortalecer o caráter e a capacidade física dos estudantes.

Os estudantes têm oportunidade para desenvolver seus interesses em comunicação, ciências, gestão, comércio, artes, computação, design, educação ou qualquer área do conhecimento ou campo profissional.

Várias áreas didáticas estão incorporadas, ao discutirem os materiais orgânicos incluídos no composto, alguns ricos em carbono, outros ricos em nitrogênio (química, biologia); medindo o volume de resíduos desviados do aterro municipal e o dinheiro economizado (matemática, economia, gestão municipal, legislação ambiental); escrevendo e diagramando um folheto (português, comunicação, design); produzindo um vídeo (computação, trabalho em equipe, artes) ou pesquisando métodos de compostagem em escolas no exterior (inglês).

Geração de renda

Ganhar dinheiro é um incentivo poderoso para os estudantes participarem das atividades, e cria outras oportunidades de aprendizado, como criar e implementar um plano de negócios e desenvolver suas habilidades empreendedoras e profissionais.

[Artigo original](#) (em inglês)
[Edição 35 completa](#) da *Urban Agriculture Magazine*



A professora Thais observa um estudante adicionar esterco no composto.

Porém as escolas públicas brasileiras não podem desenvolver atividades com fins comerciais. Quando os grupos estiverem mais organizados, precisarão demandar uma licença institucional para poderem cultivar hortaliças nas escolas e vendê-las a suas famílias e educadores, não como uma iniciativa visando lucro, mas como uma atividade pedagógica. Uma alternativa poderá ser cultivar e vender os produtos fora da escola, em grupos, em áreas comunitárias ou pertencentes a suas famílias – embora outros problemas possam surgir, como roubo e vandalismo.

Resultados

O projeto começou há três anos. Cada uma das seis escolas-piloto envolvidas desenvolve seu grupo de acordo com seu interesse e ritmo. O [grupo mais ativo](#) e avançado é de uma escola estadual em Bocaina de Minas, justamente a última a ingressar no projeto. Essa diferença na velocidade resulta da facilidade de comunicação entre a professora de biologia e o facilitador do projeto – o fato de morarem perto permite constante *feedback*.

Em Bocaina de Minas os estudantes criaram um [vídeo](#), e em Delfim Moreira, um [folheto](#), ambos sobre compostagem. Em Roma, uma escola criou um [folheto](#) adaptado do nosso projeto para estimular as famílias de seus estudantes a também compostarem seus resíduos orgânicos. As atividades em Bocaina são documentadas e compartilhadas pelos estudantes no “Grupo de Práticas Serra da Mantiqueira” do Facebook, para promover *feedback* e replicações.

Conclusão

Estamos ganhando experiência, identificando educadores comprometidos e reunindo os alunos e voluntários interessados. Mais recentemente novas escolas mostraram-se interessadas em participar de nossa rede. A metodologia que usamos não custa nada, pois os recursos já estão lá: os estudantes, os educadores e os resíduos orgânicos. A metodologia é facilmente replicável por meio de uma rede crescente, via internet, no Brasil e mesmo além. Estamos interessados em contatar outras pessoas que trabalham nessa interface que liga agricultura urbana e desenvolvimento juvenil, no Brasil ou no exterior.

Joaquim Moura
jmoura@agriculturaurbana.org.br
Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos do Conselho Consultivo da APA da Serra da Mantiqueira

